

Chalcides bedriagai (Boscá, 1880)

Cobra-de-pernas-pentadáctila

Esalizón ibérico, Bedriaga's Skink

TAXONOMIA E FILOGEOGRAFIA

Estão descritas três subespécies de cobra-de-pernas-pentadáctila (Valverde, 1966, 1968; Salvador, 1998b): *Chalcides bedriagai bedriagai* Boscá, 1880, nas montanhas do Leste de Espanha; *Chalcides b. pistaciae* Valverde, 1966, nas montanhas do Oeste da Península Ibérica; e *Chalcides b. cobosi* Valverde, 1997, na costa Sul de Portugal e Espanha. Vários trabalhos sugerem um elevado grau de diferenciação de *C. b. pistaciae*, que poderão implicar a sua elevação à categoria de espécie (Pasteur, 1981; Barbadillo et al., 1999; Galán, 2002c, 2003). No entanto, Pollo (2002, 2003, dados não publicados,) afirma que *Chalcides bedriagai* é um grupo monofilético com base em dados biométricos, morfológicos e moleculares. Uma análise filogenética mais recente baseada em marcadores mitocondriais (Carranza et al., 2008) sugere que *C. bedriagai* pertence ao grupo setentrional de *Chalcides* que inclui outras espécies com extremidades bem desenvolvidas (*C. colossii*, *C. parallelus*, *C. lanzai*), mas também espécies com extremidades atrofiadas (*C. boulengeri*, *C. sepsoides*). Assim, a presença de extremidades bem desenvolvidas, como as de *C. bedriagai*, corresponderia à condição primitiva neste grupo e a redução das extremidades terá, provavelmente, acontecido duas vezes. Este estudo sugere, ainda, que uma forma ancestral a *C. bedriagai* teria colonizado a Península Ibérica, no início da diversificação do grupo, durante a Crise Messiniana (5,3-5,9 milhões de anos). No que se refere à variabilidade intraespecífica, o mesmo trabalho descreve uma elevada diversificação que se terá iniciado há cerca de dois milhões de anos, com as glaciações do Pleistoceno. *C. b. bedriagai* e *C. b. pistaciae* são consideradas unidades monofiléticas, mas *C. b. cobosi* é parafilética em relação a *C. b. pistaciae*. No entanto, os próprios autores reconhecem que é necessário proceder a um aumento da amostragem no sentido de esclarecer a taxonomia deste grupo (Carranza et al., 2008).

DISTRIBUIÇÃO GLOBAL

É um endemismo ibérico distribuído pela maior parte da Península com excepção do extremo Norte (Cordilheira Cantábrica, Astúrias e País Basco). O limite setentrional encontra-se, de oeste para leste, no Sul de Galiza, Nordeste de Portugal, margem norte

da bacia do rio Douro e nascente e margem norte do rio Ebro. Na costa mediterrânica chega até às serras litorais e ao rio Ebro. Pollo (2002a) afirma que o registo de Girona (Salvador, 1981a), considerado errado durante anos, está correcto, mas não foi representado no mapa do Atlas de Espanha (Pleguezuelos et al., 2002). Existem populações insulares no Atlântico e no Mediterrâneo incluindo, para além das populações insulares portuguesas (ilha do Pessegueiro), as de Ons e Monteagudo-Faro, nas Rias Baixas galegas, e Nueva Tabarca, no Mediterrâneo (Mateo, 1990a, 1997a). A sua área de distribuição inclui-se na região bioclimática mediterrânica, com excepção de locais situados no Sudoeste da Galiza, Norte de Portugal, Sul da Cantábria e nascente do rio Ebro, onde ocorre sempre nos habitats mais quentes. Encontra-se desde o nível do mar até aos 1750 m de altitude, nas Serras Béticas (Pollo, 2002a).

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL

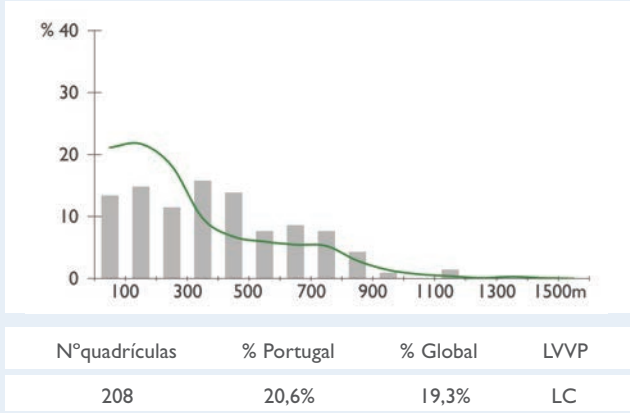
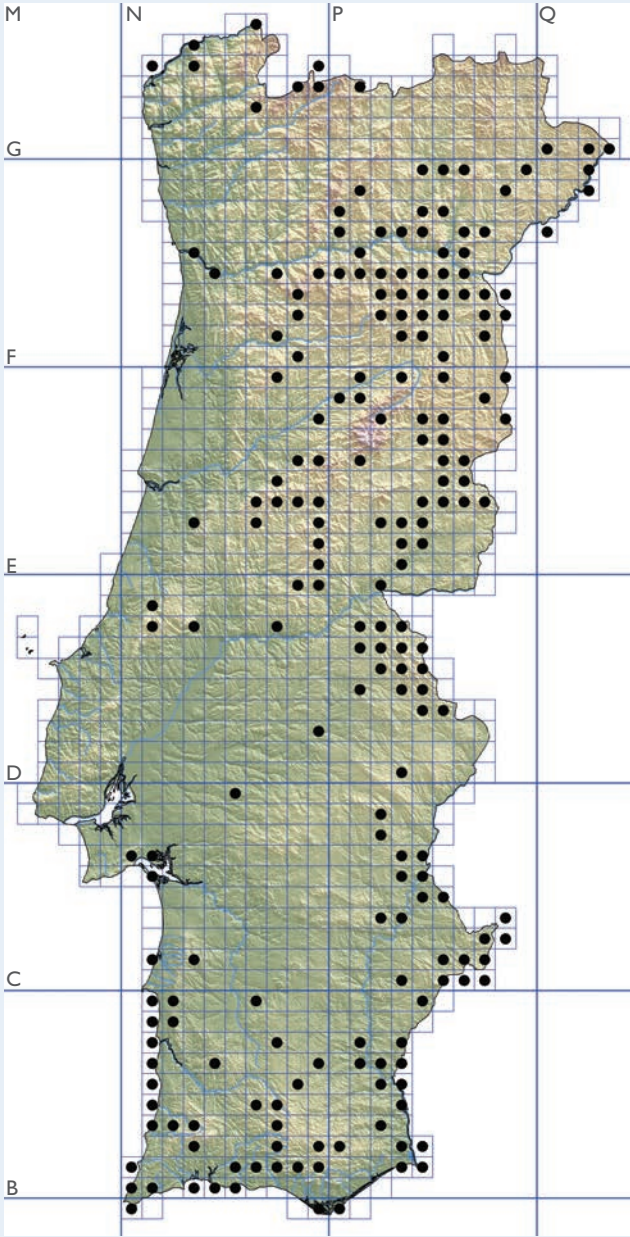
Distribui-se amplamente em Portugal continental, embora de forma dispersa. Foi registada no Parque Nacional da Peneda-Gerês, norte de Chaves, Serras do Alvão e Marão, Beira Interior, Ribatejo, Costa Vicentina e Algarve. Encontra-se desde o nível do mar até aos 1200 m, nas Serras da Peneda e Gerês. Não ocorre nas zonas de mais baixa altitude, desde a foz do rio Minho até ao cabo Raso, e no Parque Natural de Montesinho. No Alto e Baixo Alentejo está presente na Serra de S. Mamede e a sul de Beja. Desconhece-se a sua existência no leste do distrito de Setúbal, sul do distrito de Santarém, oeste dos distritos de Portalegre e Évora, e norte do distrito de Beja. Porém, não é improvável a sua presença na zona fronteiriça com Espanha, entre a Serra de S. Mamede e Beja, ou inclusive mais para o interior. Foi citada para a ilha de Faro (Crespo, 1975) e ilha do Pessegueiro (Crespo, 1972a). O aumento do conhecimento da distribuição de *C. bedriagai*, conseguido neste trabalho, é considerável (75 novas quadrículas UTM 10x10 km num total de 201), nomeadamente nas regiões de Trás-os-Montes e Beira Interior. A ausência de outros registos deve-se, provavelmente, ao carácter esquivo da espécie, que requer uma amostragem intensiva. Tal como no resto da sua área de distribuição, *C. bedriagai* encontra-se em áreas com

características mediterrânicas, com abundância de pedras e rochas. No extremo norte da sua distribuição, de clima atlântico, procura as zonas mais quentes, principalmente os vales dos rios. A sua presença no vale inferior do rio Douro, baseada em registos antigos dos arredores do Porto, foi confirmada recentemente no concelho de Gondomar (Ribeiro et al., 2008). Desconhece-se se este núcleo está actualmente em contacto com as principais populações existentes a leste, através do corredor formado pelo vale do rio Douro (Ribeiro et al., 2008).

CONSERVAÇÃO E AMEAÇAS

As principais ameaças que afectam *C. bedriagai* resultam da perda de habitat devido a várias causas, nomeadamente: i) repovoamentos florestais em regime de monocultura, em especial do género *Eucalyptus*, ii) agricultura intensiva, em particular no Baixo Alentejo, com eliminação do coberto arbustivo e de pedras ou rochas que servem de refúgio, e iii) incêndios, que podem reduzir ainda mais a qualidade de algumas áreas florestais. A manutenção das práticas agrícolas tradicionais fomenta áreas de ecótono na periferia das culturas (com muros e vegetação, por exemplo) e constitui uma importante medida de conservação da espécie nas áreas mais modificadas.

Neftalí Sillero



PhG



PhG



PhG